

*As diversas faces do cuidar.
Novos ensaios de psicanálise contemporânea*

Luis Cláudio Figueiredo
São Paulo: Escuta, 2009, 220 págs.¹

Zeferino Rocha

Com alegria aceitei o convite para vir, hoje, apresentar o novo livro de Luís Cláudio Figueiredo: *As diversas faces do cuidar – Novos ensaios de psicanálise contemporânea*, porque além da alegria de rever meus amigos do Espaço Psicanalítico de João Pessoa e de participar das celebrações de seus 10 anos de vida em prol da causa psicanalítica, uma excelente oportunidade me é também oferecida para saudar e homenagear o meu amigo Luís Cláudio Figueiredo e expressar, de público, a admiração que tenho pelo magnífico trabalho que ele vem realizando no campo da pesquisa psicanalítica.

Para uma apresentação condigna esforcei-me em apresentar o livro de Luís Cláudio pelo próprio Luís Cláudio, ou seja, apresentar o livro, valendo-me sempre que possível literalmente das palavras do seu autor.

Não irei começar fazendo uma apresentação do autor, porque Luís Cláudio já nos é bastante conhecido. Direi apenas que, para

1. A presente resenha foi primeiramente lida como apresentação do livro de Luís Cláudio Figueiredo por ocasião do seu lançamento no Encontro comemorativo dos 10 anos do Espaço Psicanalítico de João Pessoa (Paraíba) na tarde de 26 de setembro de 2009.

mim, ele é, dentre os psicanalistas brasileiros, um dos pensadores e pesquisadores que mais tem se destacado na tarefa de responder ao desafio que nossa cultura contemporânea vem fazendo à teoria e clínica psicanalíticas.

Esses novos ensaios, que hoje tenho a alegria de apresentar, dão continuidade ao excelente livro *Psicanálise: Elementos para a Clínica contemporânea* que a Editora Escuta publicou, em 2003, e que já se tornou uma referência obrigatória para quantos desejam estudar os problemas com que se defronta a clínica psicanalítica de nossos dias.

E o segredo do grande sucesso dos livros de Luís Cláudio Figueiredo, penso eu, deve-se ao fato de ser ele do número daqueles que não acreditam ser possível fazer psicanálise sem voltar a Freud, vale dizer, sem retomar os conceitos freudianos fundamentais, aqueles que Freud chamou de *Grundbegriffen*.

Esta volta, porém, aos conceitos fundamentais da teoria e da clínica freudianas não tem a finalidade de querer apenas repetir o que o Mestre de Viena escreveu. A leitura de Freud, disse-o certa vez Masud Kahn, “deve mais do que nos informar, ela evoca em nós as possibilidades de um novo pensamento e de um novo esforço clínico”². Ou, para dizê-lo com as palavras do próprio Luís Cláudio: Freud fez mais do que escrever uma grande obra, “ele criou um horizonte de experiências a ser explorado em várias direções e compreendido de diferentes ângulos”³. Citando Michel Foucault, nosso autor acrescenta: Freud fundou *um campo de diferenciações* e sua Obra não se limita aos seus textos, ou escritos, ela abrange o conjunto das elaborações teóricas e das experiências clínicas que dela se originaram. Freud, portanto, só pode ser lido hoje de um modo criativo, se a leitura de seus textos for feita no contexto da pesquisa psicanalítica contemporânea.

Por isso, Luís Cláudio optou em *cultivar o psicanalítico* sem se fechar no esoterismo das Escolas institucionalizadas e preferiu traçar o roteiro epistemológico de suas pesquisas, praticando o que ele denominou de *atravessamento dos paradigmas*, vale dizer, assumindo uma posição crítica, positiva e construtiva, que supera as velhas oposições das diferentes Escolas. Isso tudo o tem motivado a repensar as teorias e a criar novos estilos clínicos, que os seus mestres pós-freudianos construíram quando fizeram trabalhar tanto o campo do *intrapsíquico* quanto o mundo das *relações intersubjetivas*, tanto as pesquisas realizadas no *campo pulsional*, como os estudos feitos, tendo como referência o mundo das *relações*

2. Masud Kahn. *Psicanálise, teoria, técnica e casos clínicos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977, P. 151.
3. Luís Cláudio Figueiredo. *As diversas faces do cuidar*, p. 14.

de objeto, pois, desse modo, novos espaços foram abertos para acolher o paradoxal, o trágico e o inesperado como aspectos decisivos do Inconsciente *objeto* alvo das pesquisas psicanalíticas.

Retomando a distinção feita por Fédida entre *teoria* e *doutrina*, Luís Cláudio não vê a teoria freudiana como um todo acabado, “narcisística e defensivamente fechado numa doutrina regida e garantida pela figura de um Eu idealizado”, projetado na figura de um Mestre, da sua Escola e da sua ideologia. Pelo contrário, ele vê a teoria freudiana “como dispositivo de contato com a alteridade e de abertura para o diferente”, que garante a oportunidade de ressignificação e de transformação para o que já foi dito e já foi teorizado. Somente assim, diz ele, “a psicanálise reinventada, cada dia, torna-se a novidade que não envelhece, apesar do passar do tempo”.

Partindo dessas premissas, Luís Cláudio, na perspectiva epistemológica do *atravessamento dos paradigmas*, desdobrou seu estudo da clínica psicanalítica contemporânea em dez ricos e densos capítulos, dos quais direi apenas o que, nesses, mais me chamou a atenção, com o objetivo, não de fazer uma síntese de seu conteúdo, mas de incentivar a leitura do livro que vocês irão fazer depois.

O capítulo primeiro traz uma valiosa contribuição para repensar a Clínica psicanalítica, a partir das contribuições-chave de Melanie Klein. O que não surpreende, pois sabemos todos nós, que somos leitores de seus livros, do grande interesse – quase diria: do carinho – que ele dedica à “velha senhora” da psicanálise.

Entre as contribuições de Melanie Klein, são destacadas a noção de *phantasia* inconsciente, a situação edípica e o “Édipo precoce”. As *phantasias Inconscientes* constituem o conteúdo básico de nossa vida psíquica e de nosso “mundo interno”, pois tudo que os constitui está associado à *atividade criativa do fantasiar*.

Além disso, as *phantasias inconscientes* atestam o poder imaginativo do corpo em resposta aos ambientes e aos seus objetos. Sem elas, a qualidade da vida psíquica seria reduzida e muito empobrecida a nossa capacidade de sonhar.

As *phantasias inconscientes* enraízam a metapsicologia kleiniana na observação clínica e, por sua vez, oferecem à clínica um maior alcance teórico, fazendo a ligação das duas tópicas freudianas e articulando os processos primários aos secundários. Elas também projetam-se para o campo do sentido e facilitam a passagem do mundo da percepção para o mundo da palavra e da simbolização. Sendo assim, não é de estranhar que sejam muito importantes as suas implicações clínicas.

O mesmo poder-se-ia dizer do que Melanie Klein escreve sobre o “Édipo precoce”. Bastaria lembrar os casos de crueldade superegoica tão frequentes nas novas patologias da clínica contemporânea. Querer elaborar a compreensão

psicanalítica desses casos por meio do Superego moral tal como foi elaborado por Freud como um herdeiro do Complexo de Édipo, parece não ser suficiente.

O segundo capítulo nos brinda com um primoroso ensaio sobre *o paradoxo em psicanálise*. Tendo como ponto de partida as questões da lógica paradoxal de Winnicott, Luís Cláudio resume a questão do paradoxo em psicanálise em três teses fundamentais: uma sobre o objeto da psicanálise, vale dizer, o sujeito humano, a segunda sobre o discurso teórico e a terceira sobre a clínica.

Quanto ao sujeito psicanalítico, o paradoxo tem uma função verdadeiramente constitutiva, pois ele já se encontra na matriz originária da relação mãe-bebê, na medida em que esta inclui dependência e independência, presença e ausência, solidão e comunhão com o meio ambiente. A partir dessa matriz originária, outras formas de paradoxo se sucedem e acompanham todo o desenrolar da constituição da subjetividade. Bastaria pensar as formas paradoxais da “solidão em companhia”, ou, ainda, o paradoxo de “estar só na presença de outro”. Em resumo, toda a trajetória do vir a ser do sujeito humano é, assim, profundamente paradoxal.

No que se refere ao discurso teórico que constroi o saber psicanalítico, a lógica paradoxal se impõe na medida em que, nas construções desse discurso, tradição e inovação se confrontam, pois é no seio de uma sólida tradição e, somente nele, que se pode fazer uma inovação verdadeiramente revolucionária. Com fineza observa o autor: a própria inovação winnicottiana da teoria psicanalítica seria impensável fora da tradição freudiana e kleiniana em que Winnicott se formou e que jamais renegou.

Com a lógica do paradoxo trabalha também uma lógica da suplementaridade (termo sugerido por Derrida) nas quais os opostos, mesmo quando se contradizem, necessariamente não se excluem mas se suplementam. Poder-se-ia dizer que é na dinâmica de semelhante lógica que se opõem e se suplementam as pulsões que estão a serviço da vida e a pulsão de destruição que está a serviço da morte.

Ainda na perspectiva teórica dessa lógica do paradoxo, Luís Cláudio lembra o conceito dos *processos terciários*, elaborado por André Green, processos que ocorreriam entre os processos primários e os processos secundários, estabelecendo ligação e separação entre ambos.

Seria ainda em virtude desta lógica do paradoxo, que não teria sentido perguntar ao psicanalista se suas teorias foram encontradas e/ou inventadas. Para Green, a teoria é uma elaboração imaginativa do encontro clínico. E isso me remete a Freud, quando, em pleno esforço de construção de sua teoria metapsicológica, parodiando o poeta Goethe no *Faust*, faz um dramático apelo à *Hexe Metapsychologie*, ou seja, à *Metapsicologia Feiticeira*, porque, diz ele, “sem teo-

rizar, especular e quase diria: fantasiar, não se vai muito longe [na pesquisa metapsicológica]⁴.

Finalmente, no que se refere à lógica do *paradoxo na prática clínica*, tudo se diz, quando se afirma que, sem ela, a clínica psicanalítica seria impossível. Basta lembrar da transferência. Sem a lógica do paradoxo, a transferência seria inconcebível, pois, nela, o psicanalista é ele mesmo e, ao mesmo tempo, não é ele mesmo. E o mesmo poderia ser dito do enquadre analítico no qual implicação e reserva definem a posição do analista.

O terceiro capítulo nos oferece um interessante estudo *da experiência do confiar na clínica e na cultura*. Trabalhando a confiança na perspectiva psicanalítica, Luís Cláudio aborda sucessivamente os pensamentos de Ballint, Winnicott e André Green. Da contribuição de Ballint, ele destaca o conceito de *desconfiança básica* e o conceito de *thrill* (emoção, medo, susto) associado tanto ao despertar da emoção, quanto ao ato de entrega ao objeto protetor, que, na hora certa, aquele que foi dominado pela emoção realiza. Isso propicia experiências alternadas de tensão e de distensão, de excitação e de relaxação.

Winnicott destaca a *confiabilidade* na figura da mãe que assegura e garante a confiança básica do filho no ambiente. Esta confiança é condição essencial para a criação do espaço potencial. Para Winnicott, o termo confiança (*trust*), além da *confiabilidade* do objeto e da *confiança* no ambiente, refere-se também a uma *confiança primária*, matriz simbólica para a representação de objetos e de relações confiáveis.

Resumindo o que minuciosamente é desenvolvido no livro, ressaltarei apenas que Winnicott valoriza particularmente o papel da confiança na criação do espaço potencial do brincar, onde acontece a emergência dos objetos e dos fenômenos transicionais e onde a fantasia adquire uma dimensão e uma capacidade criativas, as quais se manifestarão não só na constituição do psiquismo, mas na realização das formas simbólicas que se tornarão o patrimônio cultural da humanidade.

No que diz respeito ao tratamento de “pessoas desconfiadas” que procuram proteção em um *falso self*, necessária se faz uma experiência de regressão para um ambiente de grande confiabilidade para a recuperação da confiança básica.

André Green destaca o “objeto primário” cuja função é despertar a pulsão e, ao mesmo tempo, contê-la e transformá-la. Quando é suficientemente bom, o

4. “Ohne metapsychologisches Spekulieren und Theoretisieren – beinahe hätte ich gesagt: Phantasieren – kommt man hier keinen Schritt weiter.” Sigmund Freud. *Die endliche und die unendliche Analyse* (1937/1982). Studienausgabe. Frankfurt am Main. Fischer Taschenbuch Verlag. Ergänzungsband, S.366.

objeto primário permite deixar-se esquecer e é internalizado como *estrutura en-quadrante* da vida psíquica. Nessa estrutura estaria a base para o exercício da *função objetalizante*, mediante a qual se faz o investimento pulsional do mundo ambiente (pessoas, relações, processos intrapsíquicos), bem como dos processos sublimatórios.

Luís Cláudio fala ainda de uma *confiança madura*, diferente tanto da *desconfiança básica*, quanto da *credulidade infantilizada* forjada por alguns diante de objetos idealizados. No fim do capítulo ele aborda o tema da confiança no cenário sociocultural, pois a desconfiança hoje se tornou um fato sociológico.

Nossa sociedade é uma sociedade de risco, na qual promessas sedutoras de gozo geram superexcitação e medo e, sob o domínio da desconfiança básica, é compreensível que quase nenhuma disposição exista para os investimentos afetivos. Para responder ao grande desafio que esta situação de angústia existencial e de insegurança representa para o tratamento psicanalítico, necessário se faz criar novos dispositivos de estimulação e continência, novas modalidades de existência com possibilidades positivas de vida. Luís Cláudio, então, conclui que é imprescindível que esses dispositivos beneficiem o *setting* e seu manejo clínico se, como diz ele, “a psicanálise quer ter algum futuro”⁵.

No capítulo quinto, o autor se debruça sobre o processo analítico, a instalação do enquadre e suas variedades clínicas. No capítulo sexto, ele trabalha a questão do fazer sentido e as suas condições intersubjetivas facilitadoras e, no capítulo sétimo, ele nos brinda com um excelente ensaio sobre a *Metapsicologia do Cuidado*.

O cuidar, antes de ser uma atividade terapêutica, é uma disposição inerente à própria condição humana. É cuidando de si e dos outros que o homem assume o seu projeto existencial e procura dar sentido à sua vida. Por isso, o propósito que se põe o autor de elaborar “uma teoria geral do cuidar” visa a oferecer subsídios a todos os cuidadores, sem esquecer as particularidades próprias do cuidado, quando este se faz na experiência analítica. Cuidando de si e dos outros, os cuidadores integram as experiências para a construção de um *éthos*, vale dizer, de uma morada, sem a qual é impossível a experiência do existir humano.

Também, aqui, *implicação e reserva* são fundamentais no que se refere ao cuidado com os outros. *Nas relações intersubjetivas transsubjetivas*, ou seja, diante do outro que acolhe e sustenta, destacam-se as atitudes fundamentais do *holding*, da continência e da transformação. *Nas relações intersubjetivas interpessoais* aparecem outras figuras de alteridade, sob a forma do *reconhecimento*. No ato de reconhecer (indispensável para a constituição da subjetividade) existe “um

5. Luís Cláudio Figueiredo. *As diversas faces do cuidar*, p. 99.

cuidar silencioso que responde na medida”. Finalmente, nas *relações intersubjetivas traumáticas*, vamos encontrar a figura de um outro diferente, pois se trata de um outro que deseja e que tem um inconsciente. Este outro é aquele que interpela e reclama como agente da confrontação e do limite.

Mas no cuidar infelizmente também pode haver excesso. É o caso do cuidado que sufoca, como fazem as mães que Winnicott chamou de “excessivamente boas”, cujo cuidado “gera sujeitos com uma autocrítica arrasadora, sempre levados a se adaptar compulsivamente às demandas do ambiente”. Infelizmente existem também os cuidados maníacos e sádicos daqueles que cuidam movidos por sentimentos de culpa inconscientes.

Todavia, quando feito com implicação e reserva, o cuidado consigo e com os outros gera cuidadores, pois oferece aos objetos cuidados um espaço potencial, onde vão germinar as capacidades criativas daqueles que se tornarão cuidadores.

O autor termina seu belo ensaio situando a questão do cuidado na cultura contemporânea, na qual vivemos uma crise de verdadeiros cuidadores.

Nos capítulos oitavo e nono, Luís Cláudio sai do campo da pesquisa clínica propriamente dita e, com maestria, articula conceitos psicanalíticos a questões referentes ao campo social, que ultrapassam a ação terapêutica da psicanálise. A abordagem psicanalítica dessas questões sociais e políticas, no entanto, pode ajudar a uma melhor compreensão de seu sentido.

Nessa parte do livro, Luís Cláudio faz a leitura psicanalítica de duas obras de arte, os filmes *A vida sonhada dos anjos* e *Cidade de Deus*. O filme de Érick Zonca – *La vie rêvée des anges* – serviu de suporte para um belo estudo sobre “a saída da adolescência”, em que são narradas as histórias de duas jovens de aproximadamente vinte anos, Isabelle e Marie. Nessas duas histórias, delineiam-se duas saídas possíveis da adolescência: uma para a vida e outra, mais radical e definitiva, para a morte.

Ambas experimentam a condição do desligamento que caracteriza a pulsionalidade anarquista da adolescência. Os laços com os objetos e as identificações precisam ser reconstituídos. Acostumados que somos a ver a adolescência como problemática, muitas vezes nos esquecemos de que ela comporta também um potencial de sonho e de esperança.

Muito interessantes e fecundas as considerações psicopatológicas e as reflexões metapsicológicas que as histórias de Isa e de Marie inspiraram ao nosso autor, bem como as lições que ele tirou para o trabalho clínico com os adolescentes. Para esse trabalho, requer-se uma grande criatividade, a fim de que, mesmo nos casos e estados de “quase-morte”, não se deixe de procurar, decobrir e sustentar alguma vitalidade, pois “ela sempre se esconde nos mais inesperados recantos de suas almas”.

No filme *Cidade de Deus*, a leitura psicanalítica de Luís Cláudio focaliza os destinos da crueldade, seja nos seus elementos de destruição, seja como elemento de criação e de transformação subjetiva. Planejada para ter grandes espaços geometricamente padronizados, *Cidade de Deus* vai se transformando em espaços cada vez mais tortuosos, estreitos, sujos e degradados. O que, finalmente, nela prevalece é a imagem do labirinto – imagem do Inconsciente e do espaço da tragédia – onde, a qualquer passo e a qualquer instante, podemos nos confrontar com o Monstro que nela habita.

Mais do que a lógica do paradoxo, o que domina *Cidade de Deus* é a lógica da exclusão, que significa “humilhação crônica” e “aniquilamento”. E de um modo que desafia toda e qualquer explicação, esta lógica da exclusão vem acompanhada de “fantasias de onipotência”. No filme são inúmeras as manifestações de um poder de atração e de sucção do mal exercido pelos excluídos. A lógica paradoxal e trágica da exclusão-sucção-destruição cria entidades demoníacas que não são meramente simbólicas, mas reais e eficazes, como, por exemplo, a demonização do “crime organizado”. No plano intrapsíquico, esses demônios interiores são os maus objetos kleinianos sedutores e persecutórios.

Na leitura psicanalítica de *Cidade de Deus*, Luís Cláudio reserva um tópico especial para considerar as implicações políticas e clínicas que o filme sugere. Fundamentalmente, a questão seria a seguinte: como desmontar a lógica do Inconsciente, quando ela se organiza em torno de uma lógica da exclusão-sucção e de seus poderes destruidores?

Luís Cláudio responde: “à organização mortífera deve-se sobrepor uma outra igualmente centrada na lógica do inconsciente, mas na qual o que a Cidade recusa, possa ter outros destinos”.⁶ Por sua vez, Winnicott sugere que se pense a criação artística como capaz de, indo além da reparação, incorporar e integrar os aspectos destrutivos, cabendo, assim, à arte o poder de integrar o excluído.

No décimo e último capítulo, Luís Cláudio retorna ao campo da clínica e da teoria psicanalíticas para responder à pergunta: o que vem a ser a prática e o pensamento psicanalítico ressituidos no contexto das relações intersubjetivas e dos cuidados?

Ele dividiu este último capítulo em duas partes, das quais a primeira articula as dimensões intrapsíquica e intersubjetiva, tanto na teoria quanto na prática clínicas. Na segunda parte, ele apresenta, com a colaboração dos conceitos kleinianos, uma sugestiva releitura da Metapsicologia freudiana, na qual o intersubjetivo encontra seu lugar no intrapsíquico, oferecendo, assim, uma melhor compreensão do que está em jogo na clínica psicanalítica. Se quiséssemos resumir em poucas palavras a rica exposição que o livro nos oferece, poderíamos dizer

6. Luís Cláudio Figueiredo. *As diversas faces do cuidar*, p. 185.

que, em última análise, trata-se de conceber “um mundo interno” a partir da transferência e das intervenções analíticas, seja em termos de interpretação, seja em termos de manejos relacionais.

Chamaria de modo particular a atenção dos futuros leitores do livro *As diversas faces do cuidar* para a excelente releitura dos conceitos fundamentais do *Id, do Eu e do Supraeu*, na qual Luís Cláudio nos oferece uma nova maneira de conceber essas instâncias fundamentais do modelo estrutural com as quais Freud reformulou sua teoria do psiquismo. Nesse mesmo sentido, ele também nos oferece uma nova leitura do campo transferencial e contratransferencial, que, como todos sabemos, são fundamentais no enquadre analítico.

Concluindo, eu diria: se quisermos que a Psicanálise tenha um futuro, temos que nos confrontar com a seguinte questão fundamental: Como deve ela se comportar diante dos desafios da clínica contemporânea? E o que deve ela fazer para assumir esses desafios?

Para mim a resposta não pode ser outra senão esta: repensar a teoria e ter coragem de olhar a psicanálise como uma forma de saber em constante transformação e evolução e não como um saber sistematizado e estabelecido. Ou dito de outro modo: ter coragem de trabalhar não só o que a psicanálise tem a dizer sobre as novas patologias da contemporaneidade, mas também de perguntar o que essas patologias têm a dizer à psicanálise, no sentido de lhe impor a tarefa de repensar a teoria e ampliar a sua escuta clínica.

Pois bem, é para encontrar uma resposta a essa questão fundamental que nos ajuda o novo livro de Luís Cláudio Figueiredo. Compreende-se, pois, que, no início desta minha apresentação, eu tenha dito que ele, entre os psicanalistas contemporâneos, se destaca na tarefa de responder a esse desafio. E termino dizendo: graças a livros como este – *As diversas faces do cuidar* – “a psicanálise não envelhece apesar do [inexorável] passar do tempo”.

ZEFERINO ROCHA

Professor Adjunto I e responsável pela Linha de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise no Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), membro fundador e sócio honorário do Círculo Psicanalítico de Pernambuco.

Universidade Católica de Pernambuco, Centro de Teologia e Ciências humanas, Departamento de Psicologia

Rua do Príncipe, 526

50050-900 Recife, PE, Brasil

Fone: (81) 2129-4407 / Fax: (81) 2119-4004

e-mail: zeferinorocha@uol.com.br